

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
2001

PEDAGOGIA FREINET: O aprendizado contínuo da livre expressão corporal nas relações sociais do contexto escolar

CLARISSA DE SOUZA MESQUITA FELIX

CLARISSA DE SOUZA MESQUITA FELIX



PEDAGOGIA FREINET: O aprendizado contínuo da livre expressão corporal nas relações sociais do contexto escolar

Monografia de graduação apresentada à
Faculdade de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para a obtenção do grau
de Bacharel em Treinamento em Esportes

Orientador: Prof. Dr. Luiz Barco
Faculdade de Educação Física – UNICAMP

CAMPINAS
2001

Inclino o meu corpo e faço reverência especial a todos os olhinhos infantis que,
naturalmente, nos trazem fascinantes emoções



Agradecimentos

- Aos meus pais e ao meu irmão, por tudo de bom que vivemos juntos e mais um pouco
- Especial, à minha mãe, um referencial importante e sempre presente. O meu exemplo de pessoa, educadora, e mulher
- Ao ser humano que tem me mostrado, num simples viver, as várias formas de ser feliz, Filipe
- À Ruth Joffily, pela confiança, por todos os subsídios técnicos necessários à produção desta monografia e também pelos “lanchinhos”, recheados de saberes.
- Ao prof. Luiz Barco, uma riqueza em forma de vida e ensinamentos
- A quem exala prazer ao transmitir seus conhecimentos e pesquisas durante as aulas, prof. Jorge Perez
- A todas as crianças da “Turma do Vaga-lume”, da “Turma do Barulho” e da Turma da Bicharada”
- Às companheiras de trabalho das escolas por que passei
- Às WIB’S Denise, Giovana, Robertinha e Ana, pela amizade e compreensão das minhas faltas nas “últimas baladas”
- Ao Jonny, que apesar de ter “colado grau” sem me avisar, ainda é meu amigo
- Às risadas escandalosas de um japonês chamado Jorginho
- Ao Zé companheiro de “Anatomia” e “Fisiologia”
- Ao pessoal do Flamengo, em especial à Verena uma amiga professora
- Enfim... a todos aqueles que fizeram e fazem parte da minha vida...

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	6
RESUMO	9
INTRODUÇÃO.....	10
A PEDAGOGIA FREINET	13
HISTÓRICO	13
NA PEDAGOGIA FREINET	14
<i>O professor:</i>	14
<i>O aluno:</i>	15
O COTIDIANO DE UMA SALA FREINET:	16
SOBRE A PEDAGOGIA FREINET	19
A CONSTRUÇÃO DO CORPO NA HISTÓRIA	25
IMPOSIÇÕES SOBRE O CORPO	26
<i>Corpos...Brasileiros.....</i>	28
IMPOSIÇÕES SOCIAIS SOBRE A ESCOLA.....	30
ROMPENDO COM AS IMPOSIÇÕES	33
<i>As técnicas na sala de aula.....</i>	38
<i>O recreio</i>	40
CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREINET À EDUCAÇÃO FÍSICA	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

APRESENTAÇÃO

Outubro de 1996, mês de inscrição para o Vestibular Nacional da UNICAMP. Eu estava no curso de Magistério, decidida:

- Pedagogia nem pensar!!! Mas eu quero mexer com gente...

Entrei no curso de Educação Física com 17 anos. Era a caçula do Noturno, estava impressionada com a infra-estrutura, as pessoas e os professores da faculdade. Ainda cursava o 4º ano de Magistério em período integral e me dedicava muito, com prazer, a esse exercício. Foi um ano de novas descobertas.

Depois de um tempo de curso, soube que a licenciatura, pela minha história de vida, o caminho mais adequado, somente seria possível mediante outro vestibular, pois o Noturno só oferecia habilitação na modalidade Treinamento em Esportes. Tentei estar envolvida em projetos como o “Aprendendo a Nadar”, que, de maneira geral, constitui-se de aulas de natação e hidroginástica à comunidade, nas diferentes faixas etárias. Mas, no fundo, o meu interesse não foi despertado...

Paralelamente ao Curso de Educação Física, após aprovação em Concurso Público, fui trabalhar como professora polivalente na Prefeitura Municipal de Paulínia.

Na sala em que atuava, 1ª C, do ponto de vista escolar, as crianças apresentavam grande diversidade: algumas não tinham nenhuma experiência escolar anterior, nem mesmo a pré-escola, outras haviam feito o pré e outras já tinham vivido sua primeira experiência escolar mal-sucedida. Isso não impediu que o grupo se formasse enquanto sujeito de um projeto comum: “A Turma do

Vaga-Lume". Essa turma dinâmica, mais do que agitada, produzia textos, compunha o Livro da Turma, elaborava textos individuais e em pequenos grupos, realizava semanalmente uma "Reunião Importante" de avaliação e planejamento de atividades. Além disso, a turma se responsabilizava pela organização da sala, assumindo tarefas que constavam do Quadro de Responsáveis. Participavam de atividades coletivas e de atividades em ateliês, organizadas num horário e plano semanal. As atividades em ateliês permitiam que as crianças escolhessem o que iam fazer, de acordo com seus interesses e orientadas por compromissos assumidos coletivamente e pessoalmente.

A classe, com essa dinâmica, oferecia atividades diversificadas que envolviam os conteúdos de aprendizagem do 1º ciclo. Priorizava-se a leitura e a escrita como atividades funcionais, quer dizer, atividades que se voltavam para atender a interesses reais: comunicar, registrar, narrar, perguntar, classificar, avisar, etc. Já que é no uso funcional da escrita que ela se oferece como um instrumento, cujo funcionamento as crianças passam a querer aprender.

Para trabalhar com a 1ª C, foi preciso tempo, humildade e capacidade de minha parte. Fui em busca de algo muito prazeroso vivido na minha infância: a pedagogia Freinet. Freinet traz em suas contribuições teóricas um profundo respeito às crianças e o intuito de não as infantilizar, mantendo a idéia de que observá-las e perceber seus entusiasmos, interesses e vontades é um dos caminhos para uma prática político-pedagógica coerente e eficiente na formação dos seres humanos. Enfim, foi nesse trabalho que consolidei um compromisso visceral com a educação, isto é, com a minha peça de trabalho. Assim como o marceneiro, faz na sua prática diária, verifica e está sempre

atento ao tamanho, a espessura, a cor, a aparência, a utilidade funcional e aos comentários sobre a sua peça. Aguça todos os seus sentidos, no intuito de gerar conforto e prazer àquele que vai receber o fruto do seu trabalho.

RESUMO

Este trabalho baseia-se numa experiência pessoal, como professora da rede pública, com regência de classe em séries iniciais do Ensino fundamental. Nele são apresentadas as contribuições da pedagogia Freinet nas relações sociais do contexto escolar em sala de aula, recreio e aulas de educação física.

Inicia-se com a reflexão da construção histórica do corpo e as imposições sociais exercidas sobre ele através da escola tradicional. Chega-se às idéias de Freinet como forma de rompimento, com essas imposições, propondo um contexto baseado na cooperação e na livre expressão corporal.

INTRODUÇÃO

Nenhuma pessoa escapa do processo de EDUCAÇÃO. Ele apresenta-se e desenvolve-se nas diferentes instituições e formas de relações sociais. A cada momento histórico, passamos por situações de guiar e ser guiado, de formar e informar. Podemos desenvolver nossas capacidades e atitudes, bem como, oferecer ao outro a mesma possibilidade. Adquirimos e fornecemos diversas formas de conhecimento. Vivemos um pouco ou quase sempre na casa da Pedagogia.

Realizando o curso de Educação Física Bacharel na Modalidade Treinamento em Esportes na UNICAMP, segundo o Catálogo de Graduação, o profissional “poderá atuar como Técnico em Esportes de modalidades cursadas ou como Administrador Esportivo em Assessoria Técnica Desportiva: poderá atuar ainda na área de pesquisa científica ou em outras que envolvem a Educação Física e Esportes”.

Esse profissional, formado pela UNICAMP, mexe com gente. Portanto, mesmo estando fora da escola, é mais um agente de transformações sociais, formador e mediador de mudanças nas posturas da sociedade brasileira, que pode oferecer a ela um novo estudo reflexivo sobre as questões históricas, políticas, sociais e filosóficas dos atos pedagógicos presentes nas relações que envolvem o corpo na sociedade.

A Ciência do Treinamento Esportivo aborda o indivíduo no seu aspecto social, psicológico e físico. No entanto, dentro da lógica capitalista, o Esporte Espetáculo é preponderante e requer modelos de corpos na programação das aulas, eficientes e úteis, para que a máquina do consumo continue funcionando. Daí a importância maior atribuída aos critérios baseados nos

princípios da fisiologia, formando sujeitos com grandes aptidões motoras, porém incompletos.

É necessário que pensemos sobre o corpo na sociedade brasileira. Alguns estão brigando consigo mesmos para manter a famosa beleza estética, outros estão condenados a se aprimorar cada vez mais para poder vencer o adversário e outros, ainda, a maioria empenham-se na tarefa de conseguir um emprego, alimentar-se e continuar a viver...

Desde que nascemos somos modelados pela classe social na qual estamos inseridos, pelas leis e valores existentes e pela cultura. Sozinhos aprendemos, ensinamos e somos avaliados... sempre sozinhos... Nossos corpos acompanham e são limitados pelos pressupostos do sistema capitalista vigente. E dentro destes, somos objetos ora de produção, ora de consumo.

Assim, temos que deixar de ser produtos, e caminhar numa visão mais democrática, progressista, cooperativa e revolucionária de corpo. O homem deve ser encarado como sujeito que pode sentir, criar, clamar e reclamar no seu mundo de relações e descobertas de si mesmo e da sociedade.

Não podemos negar as más influências do capitalismo em nossa vida, vivemos em regime democrático onde não há igualdade social, mas podemos e devemos exercer a nossa liberdade de expressão. Podemos vivenciar nossos corpos com movimento, intelecto e sensibilidade, para isso devemos aprender a valorizar nossos sentidos e a nossa capacidade de união, temos que conhecer e conquistar nossos espaços, no mundo das relações e comunicações.

Diante disso delineia-se para mim a necessidade de refletir sobre o corpo e o uso que se faz dele no espaço escolar. Minha experiência como

professora de crianças, que me levou ao contato com a pedagogia Freinet, estimula-me a buscar nesse educador os caminhos para essa reflexão.

A pedagogia Freinet, em suas práticas vivas em escolas populares da França, trabalha em prol da liberdade de expressão dos sentimentos, emoções, impressões e reflexões dentro de atitudes solidárias e cooperativas na prática escolar, contendo elementos que podem possibilitar a melhoria das relações entre nossos corpos na sociedade brasileira.

É nesse rumo que penso avançar no embasamento teórico deste ensaio, que vai ao encontro das necessidades não somente do Treinamento em Esporte, como do Sistema Brasileiro de Ensino, e das nossas famílias dominantes e dominadas.

Este trabalho está dividido em três grandes blocos: o primeiro, contendo uma introdução à pedagogia Freinet; o segundo, abordando a construção do corpo na história e uma forma de romper com as imposições sociais feitas sobre ele através desta pedagogia; e o terceiro refletindo sobre as contribuições dessa pedagogia à Educação Física.

A PEDAGOGIA FREINET

HISTÓRICO

Freinet voltou da Primeira Guerra Mundial, em 1920, com lesão nos pulmões. Isso dificultava sua respiração e ainda não lhe permitia falar alto e nem por muito tempo. Caberia então a ele encontrar um meio para sobreviver trabalhando em sala de aula, isto é, a descoberta de uma técnica de trabalho que estivesse ao alcance das suas possibilidades físicas.

Freinet adotou uma posição de investigador. Leu Montaigne, Rousseau e Pestalozzi, sendo que o trabalho deste último, com a chamada a Escola Ativa, transmitiu-lhe um sentimento de grande afinidade, servindo como orientação para suas tentativas. Visitou escolas comunitárias de Altona e de Hamburgo. Em 1923 participou do Congresso de Montreux da Liga Internacional para a Educação Nova e, em 1925 viajou à Rússia, onde obteve grandes experiências com os estudos de Pistrak.

Porém, ao voltar à sua sala de aula, percebeu que as teorias lidas e vivenciadas não poderiam ser transportadas para a sua escola de aldeia, no sul da França. Segundo este

“(...) era necessário, neste clima esgotante, insistir extenuamente, como um palhaço sem talento, para reter durante um instante, de maneira artificial, a atenção fugaz de meus alunos(...)” (FREINET, 1976, p.22).

De maneira sensível, Freinet observava, anotava e refletia sobre os discursos e atitudes de seus alunos e, conhecendo-os cada vez mais, começou a realizar descobertas essencialmente práticas, das quais se originaram as atividades voltadas para o interesse das crianças.

NA PEDAGOGIA FREINET

O professor:

- é quem permite à classe organizar-se num ideal comum: a Turma é que se torna responsável por suas aprendizagens numa vida cooperativa;
- não é aquele que detém o saber, mas sim o facilitador das realizações escolhidas e efetuadas pelos alunos. Ele intervém com os conhecimentos, não de maneira a incuti-los em seus alunos e sim permitindo que estes compreendam o fenômeno estudado, analisem e, de acordo com os seus interesses, o comuniquem;
- não impõe os passos a serem seguidos e nem dá modelos. Ele sabe que diante de uma situação-problema, os alunos possuem diversas possibilidades de passos a seguir, cabe a eles escolher e executar em prol do seu interesse e da Turma;
- reconhece os alunos em suas diversidades pessoais, estando atento ao melhor meio de intervir, favorecendo o seu aprendizado e confrontando as diversas formas de pensamento sobre um tema

comum, como, por exemplo, no estabelecimento das normas de vida social do grupo, em sala de aula, ou até mesmo pesquisando sobre os fenômenos científicos. O professor está seguro em relação aos objetivos pedagógicos de suas atitudes e isso o torna flexível. Ele não é, portanto, nem aquele que manda (autoritarismo) e nem aquele que não intervém (liberalismo).



Placas para as inscrições nos ateliês.

Utilizando um crachá com imã o aluno coloca o seu nome na atividade escolhida.

O aluno:

- dentro de uma sala cooperativa, motivadora, que é “sua”, não pesquisa e nem aprende porque o professor impõe ou ainda “ensina bem”, mas porque quer descobrir, porque o ambiente o motiva;
- de maneira autônoma, vai em busca dos meios para obter conhecimentos em função dos seus interesses e necessidades. Ele é quem decide o seu caminho, a partir das mediações do professor,

que faz com que ele encontre, confronte e formule respostas diferentes nas diversas situações-problemas. Não é possível decorar descobertas, pontos e conteúdos. Ele reflete e sempre constrói.

O COTIDIANO DE UMA SALA FREINET:

De posse de suas descobertas, os alunos trocam entre si suas pesquisas, conclusões e resultados. Isso permite reflexões diferentes sobre as diversas abordagens e temas estudados. A comunicação entre os alunos é uma necessidade do aprendizado e não um empecilho, como considera o ensino tradicional, no qual esta é normalmente reprimida, podendo ser praticada somente durante o recreio.

Na vida cooperativa em sala de aula, cabe ao aluno participar das decisões tomadas pelo grupo, exprimindo suas idéias, sensações e opiniões sobre os diversos temas. Cada aluno também se responsabiliza pelos materiais de uso comum da sala, procurando manter sua conservação. Eles não são meros usuários, mas sim “donos”.

A sala deve ser disposta de modo a incentivar a pesquisa. Para isso os materiais estão sempre ao alcance das crianças, permitindo que suas necessidades sejam supridas quando necessário.



Crianças em ateliê de matemática jogando “Tangram”.

Os ateliês são constituídos de diferentes materiais, o que permite aos alunos diversos caminhos a um mesmo saber. Não há um conhecimento preparado e transmitido pelo professor de maneira expositiva, nem exercícios repetitivos e tecnicistas que levem os alunos a decorar os conteúdos da série.

O professor não se limita a expor o conhecimento e aplicar testes mecânicos, mas está atento às contribuições e hipóteses das crianças, provocando o confronto entre elas. Ele mostra as possibilidades de caminhos para se chegar a uma ou várias respostas, ajuda na análise dos resultados e relembra conhecimentos adquiridos anteriormente. Os meios é que justificam os fins. Cada chegada a um resultado é um início para um próximo caminho, pois conhecimentos sempre podem ser aprimorados. A escola é um gostoso bolo recheado de descobertas.

Na pedagogia tradicional a nota, às vezes colorida de azul, outras de vermelho, é o resultado final e imutável de um processo, do qual os alunos participaram como uma fita cassete virgem, na qual se grava e se desgrava ou acumula-se um acervo mudo, nunca escutado.

Na prática Freinet, os alunos participam no seu processo de avaliação. Com fichários auto corretivos, certificam-se das competências adquiridas ou não, e nas, Reuniões de Conselho da turma, recebem o retorno sobre os seus pensamentos e atitudes dentro do grupo. Assim, cada indivíduo avalia a si mesmo e aos outros, e é avaliado por seus colegas. Isso traz interesse, responsabilidade e compromisso para os alunos, bem como para os professores.

Eh! Eu me lembro da primeira vez em que recebi um EU CRITICO...¹ na REUNIÃO IMPORTANTE (Conselho de Classe) de uma aluna da TURMA DO BARULHO (3ª série), que não estava satisfeita com a minha atitude ao pedir a participação dos alunos. Segundo ela, eu somente pedia para alguns alunos falarem, e ela era uma das que ficavam de fora. Ao receber essa notícia eu perguntei aos outros da sala se eles também sentiam isso. Que alívio! Todos “vomitaram” suas angústias. E eu pude perceber que, sem querer, tomava atitudes das quais alguns alunos não gostavam e isso poderia interferir no processo de ensino aprendizagem, já que havia problemas nas relações afetivas entre aluno-aluno e aluno-professor. Então, nós juntos escolhemos um modo melhor para as formas de solicitações e participações dos alunos.

¹ De acordo com suas vontades e sentimentos, os integrantes da turma escrevem em pequenos papéis as informações para Jornal de Parede, que é constituído por três envelopes, um sendo para realizar críticas, denominado “EU CRITICO; outro para felicitar pessoas e atitudes, “EU FELICITO” e outro para dar propostas, “EU PROPONHO”.

SOBRE A PEDAGOGIA FREINET

A pedagogia Freinet vai ao encontro das necessidades de cada aluno. Ela fornece à criança os meios necessários à sua formação humana, motivando-a a organizar e realizar o seu trabalho e a desenvolver sua personalidade, de acordo com a sua vivência cotidiana.

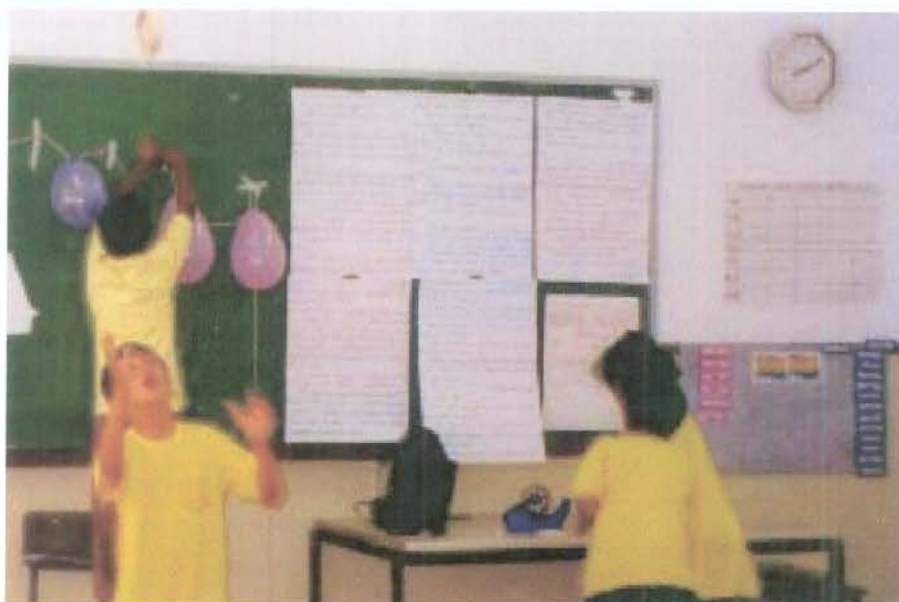
O ponto de partida na atividade Freinet é a expressão livre. Ela faz com que a criança inicie a busca do seu espaço na sociedade.

Na conquista do seu espaço, a criança necessita exprimir seus sentimentos e suas idéias. Dentro da pedagogia Freinet isso é permitido através da exploração da fala, dos desenhos, dos textos e nas conversas e debates sobre situações de vida do cotidiano ou sobre fenômenos científicos. Ocorre a exteriorização pessoal por parte de cada aluno, as idéias e conhecimentos não são aceitos passivamente.

Elementos técnicos da pedagogia Freinet, como o Livro da Vida e o Jornal Escolar, fazem com que cada criança assuma as suas responsabilidades no grupo, organizando, escrevendo, ilustrando e imprimindo os materiais. O trabalho em equipe instaura um modelo de disciplina cooperativo.

A pedagogia Freinet permite, provoca a comunicação entre os alunos e o mundo. Um dos elementos técnicos utilizados para isso é a correspondência. Através dela a criança fica motivada a estabelecer elos pessoais com outras crianças e, assim, a trabalhar e produzir conhecimentos. A comunicação também permite à criança aprimorar o seu modo de expressão, no intuito de facilitar a comunicação, tornando-a agradável e produtiva. Ela também é explorada através do Jornal Escolar, por meio do qual as produções do grupo

ultrapassam a sala de aula, são exteriorizadas, para outras sala, o bairro e outras escolas.



Alunos arrumam a sala para receber os “correspondentes”. Ao fundo a carta.

No intuito de aprofundar os interesses espontâneos apresentados através da expressão livre, a criança é incentivada a criar e agir individualmente nos diversos ateliês estabelecidos em sala de aula (ateliês de leitura, escrita, matemática, de trabalhos manuais e outros), o seu conhecimento é valorizado e adquirido segundo o processo do Täteio Experimental. Isto é, a dinâmica de trabalho, possibilita à criança realizar pesquisas reflexivas, em que ela observa, experimenta, emite hipóteses, testas, aplica os conhecimentos adquiridos e reflete sobre eles. Através do täteio, os conhecimentos elaborados pelas crianças se sofisticam, permanecendo relativos e revisáveis quando novos resultados aparecem em novas experiências.



Alunos trabalham para a exposição “Brasil 500 Anos” da escola.

Para que a criança consiga trabalhar, é necessário construir com ela um modo de organização. Utilizando os fichários e livros corretivos, bem como estabelecendo o seu plano de trabalho, a criança formula um modo de organização e mantém um ritmo próprio de produção que vai ao encontro das suas possibilidades pessoais. Permitindo, dentro do Conselho de Classe, que ela contribua também na organização dos outros colegas, mostrando e discutindo suas boas e más experiências na utilização dos materiais. Atitude que favorece também a organização cooperativa da sala.

As técnicas da pedagogia Freinet permitem à criança avaliar-se dentro do grupo. Utilizando a auto-avaliação, cada aluno aprende a avaliar o que realizou e, dentro do grupo, o Balanço Semanal substitui as notas e classificações, permitindo um confronto dos trabalhos realizados e, conseqüentemente, a real idéia sobre aquilo que ele pode fazer.

A pedagogia Freinet é uma educação na confiança, na qual a criança é responsável e encarregada do seu modo de vida e de trabalho. Portanto, ela pede que a relação professor-aluno permita procedimentos que favoreçam a

descoberta de interesses dos alunos. Pede que sejam dados, para cada aluno, os instrumentos e as técnicas facilitadoras do seu desenvolvimento global. E assim, levar adiante os seus projetos pessoais, bem como do grupo.

A formação de cada criança é apoiada nos debates, nas atividades cooperativas e nas contribuições dos adultos, que lhes são indispensáveis. Os resultados do grupo são fragmentos de um infinito caminhar.

Freinet preocupou-se com os educadores que desejavam e desejam aderir às suas técnicas da Escola Moderna, ele precisava estimular seus leitores.

“(...)a reconsiderarem um certo número de noções e de práticas psicológica, pedagógicas, técnicas e sociais que comumente são consideradas e admitidas nos meios escolares e que a tradição impede de pôr em dúvida por serem os próprios fundamentos de todo o edifício escolástico” (FREINET. Os Invariantes Pedagógicos).

Assim, Freinet, através dos Invariantes Pedagógicos, organizou um conjunto de valores escolares “inatacáveis e seguros”, numa busca da verdade feita à luz da experiência e do bom-senso.

Para cada Invariante, Freinet apresentou um teste para ser respondido pelo professor, para que este pudesse avaliar continuamente a sua prática ao longo do seu trabalho.

São estes os Invariantes Pedagógicos:

1. “A criança é da mesma natureza que o adulto.
2. Ser maior não significa necessariamente estar acima dos outros.
3. O comportamento escolar de uma criança depende do seu estado fisiológico, orgânico e constitucional.
4. Ninguém - nem a criança, nem o adulto gosta de ser comandado autoritariamente.

5. Ninguém gosta de se alinhar, porque se alinhar é obedecer passivamente a uma ordem externa.
6. Ninguém gosta de ser obrigado a realizar determinado trabalho mesmo que esse trabalho não lhe desagrade particularmente. É a coerção que é paralisante.
7. Todos gostam de escolher o seu trabalho, mesmo que essa escolha não seja vantajosa.
8. Ninguém gosta de trabalhar sem objetivo, agir como um robô, isto é, realizar atos e dobrar-se a pensamentos que estão inscritos em mecânicas das quais não participa.
9. É necessário que motivemos o trabalho.
10. Todo o indivíduo quer ter sucesso. O fracasso é inibidor do ânimo e do entusiasmo. Não é o jogo que é natural à criança mas sim o trabalho.
11. O caminho normal para a aquisição do conhecimento não é, em absoluto, a observação, a explicação e a demonstração, processo essencial da Escola, mas sim o Tateamento Experimental, processo natural e universal.
12. A memória, da qual a Escola faz tanta questão, só é válida e preciosa quando integrada no Tateamento Experimental, quando está verdadeiramente a serviço da vida .
13. As aquisições não são feitas, como às vezes se acredita, através do estudo das regras e das leis, mas sim pela experiência. Estudar primeiro essas regras e leis na língua portuguesa, na arte, na matemática, nas ciências, é colocar o carro na frente dos bois.
14. A inteligência não é, como ensina a escolástica, uma faculdade específica, funcionando em circuito fechado, independentemente dos outros elementos vitais do indivíduo.
15. A escola cultiva apenas uma forma abstrata de inteligência, que age fora da realidade viva, através de palavras e idéias fixadas pela memória.
16. A criança não gosta de ouvir uma aula ex cátedra.
17. A criança não se cansa de fazer um trabalho que está na linha da sua vida, que lhe é, por assim dizer, funcional.
18. Ninguém, criança ou adulto, gosta de controles e de sanções, que são sempre considerados como um ataque à sua dignidade, sobretudo quando se exercem em público..

19. As notas e classificações são sempre um erro.
20. Fale o menos possível.
21. A criança não gosta do trabalho de rebanho ao qual o indivíduo tem que se sujeitar.
Gosta do trabalho individual ou do trabalho de equipe no meio de uma comunidade cooperativa .
22. A ordem e a disciplina são necessárias na classe.
23. Os castigos são sempre um erro. São humilhantes, não conduzem ao fim desejado e não passam de paliativo.
24. A vida nova da Escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão, pelos usuários, inclusive o educador, da vida e do trabalho escolar.
25. As classes sobrecarregadas são sempre um erro pedagógico.
26. A concepção atual dos grandes conjuntos escolares resulta no anonimato dos professores e dos alunos; por isso ela é sempre um erro, um entrave.
27. Prepara-se a democracia de amanhã pela democracia na Escola. Um regime autoritário na Escola não pode ser formador de cidadãos democratas.
28. Só se pode educar com dignidade. Respeitar as crianças, devendo estas respeitar seus professores, é uma das primeiras condições para a renovação da escola.
29. A oposição da reação pedagógica, elemento da reação social e política, é também um invariante com o qual, infelizmente, teremos que contar, sem que possamos evitá-lo ou corrigi-lo.
30. Finalmente um invariante que justifica todos os nossos tateios e autentica nossa ação: a esperança otimista na vida.” (FREINET. Os Invariantes Pedagógicos).

A CONSTRUÇÃO DO CORPO NA HISTÓRIA

Desde a antiguidade acontecem diferentes manobras socioculturais e políticas do corpo. São os interesses dominantes em nossa sociedade que determinam os sentidos do corpo.

Nós brasileiros somos colonos e produtos de um modelo econômico, político, socio-cultural, baseado no regime feudal que vigorava na Europa (século X a XV d.C.).

Nosso país construiu sua estrutura econômica e social sobre os pilares do capitalismo, constituindo e estabelecendo não só uma relação de dominação interna, na qual certos grupos sociais (dominantes) agem sobre outros (dominados), bem como estabelecendo uma relação externa de dependência econômica, na qual os países de capitalismo central exercem exploração econômica sobre o Brasil e

“(...) tolhem decisivamente a nossa capacidade de dinamização e autonomia, como meta de uma relativa independência que nos permita um crescimento social e humano condizente com a própria evolução e conquista da sociedade contemporânea como um todo (...)” (MEDINA, 1987, p. 38).

O regime capitalista de sociedade divide os indivíduos em duas classes sociais: a dominante, representada pelos donos dos meios de produção, e a dominada, formada por aqueles que vendem sua força de trabalho em troca de salários, o que estabelece uma relação de dominação e exploração entre os indivíduos e gera uma grande injustiça social.

Com o intuito de esconder as desigualdades sociais e a luta de classes, a burguesia dominante elabora uma política de dominação, na qual os

Aparelhos Ideológicos do Estado (igreja, escola, etc.) servem para reproduzir a ideologia dominante através dos valores e crenças ensinadas.

A imposição social dos interesses das classes dominantes está em todos os lugares, instituições, e também no corpo, já que ele é o agente histórico das relações sociais.

IMPOSIÇÕES SOBRE O CORPO

No momento da concepção, biologicamente, começa a vida humana. Os indivíduos recebem as marcas sociais de seus pais:

“(...) cada um é marcado pelo que é a mãe e o pai; que por sua vez são marcados pelo próprio trajeto que a humanidade traçou e destinou aos dois, enquanto seres culturais e produtos de uma evolução biológica, histórica e (mais ou menos) humana. As marcas sociais já se fazem sentir desde o processo de gestação. A mãe faminta e desesperada dificilmente deixará de cravar na carne de seu filho a cruz de uma existência mais limitada. Durante e após o parto, e durante o desenvolvimento inicial do corpo, o cultural começa a conspirar contra o biológico. Com o nascimento, o que existe é o elo, mais ou menos saudável e prazeroso, entre o seio e a boca. Depois vêm as manifestações ainda tênues dos dedos, das mãos, dos braços, das pernas, dos olhos, dos ouvidos, etc., todos integrados na ânsia de expressar mais vida (fatos que nem sempre se concretizam por absoluta falta de condições). Na sequência, novas etapas são cumpridas: as pernas promovem uma certa independência corporal. A boca e a língua começam a sua articulação, agora num outro estágio. Os gritos das dores e desconfortos e os risos das alegrias e prazeres, são acompanhados de um novo elemento: a palavra. Ah..., aahhh!..., uh!..., uuhhh!..., uuhhmm!...uuhhma!..., mmmá!..., mamá!..., mãma!..., mamâ!..., mamãe! É a materialização do esforço para se tornar ‘gente’. A dependência biológica vai sendo cultural.”(MEDINA, 1987, p. 66).

O corpo, apropriado pela cultura, recebe as “tatuagens” sociais e é modelado pelas instituições que o preparam ao convívio em sociedade. Através da educação, o corpo da criança aprende as regras sociais, que visam sufocar, domesticar, oprimir e reprimir os indivíduos.

Sobre a relação entre o corpo e o poder institucional, Michel Foucault diz que

“(…) o domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento no corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... Tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo... Lembre-se do pânico das instituições do corpo social (médicos, políticos) com idéia da união livre ou do aborto... Na realidade a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua” (FOUCAULT, 1984, p. 146).

A visão cotidiana do corpo é extremamente biológica. Ainda é senso comum em nossa cultura que o que ultrapassa o biológico é a alma, e a alma não é corpo. A própria medicina tem uma visão fragmentada de corpo, estabelecendo um serviço cartesiano e mecanicista no ato de interpretar as enfermidades, e esquecendo que na medida em que os seres humanos são

“(…) afastados de certas leis básicas de uma saudável existência humana (alimentação adequada, moradia confortável, instrução e educação autênticas,

trabalho laboral, certa dose de afetividade, solidariedade, etc.) advêm os desequilíbrios que por sua vez provocam as mais diferentes patologias” (MEDINA, 1987, p. 82).

Culturalmente o homem tem vários corpos, que se modificam de acordo com a evolução social. Ele é um objeto cuja preocupação básica, dentro da lógica capitalista, é o rendimento e a produtividade para atingir como meta o lucro. Valores são impostos ao corpo de maneira a perpetuar a estrutura social dividida e hierarquizada (em classes).

“Os Aparelhos Ideológicos e Repressivos do Estado se encontram fundamentalmente a serviço das classes dominantes, e através de seus instrumentos nossos corpos são produzidos” (SÉRGIO, 1983, p. 18).

Corpos...Brasileiros...

O corpo dos brasileiros

“(...) perdeu seu ritmo natural, perdeu seu equilíbrio, ou seja, ainda não conseguiu alcançar um estado de profundo e dinâmico bem-estar físico, mental e social. É um corpo violado pelas condições histórico-culturais e concretas. Apesar de nosso povo ter conquistado recentemente uma relativa democracia política e estar buscando uma autêntica democracia social, os nossos corpos, marcados ideologicamente, estão fortemente impregnados por um autoritarismo que ainda por muito tempo será reproduzido em nossa carne. Por outro lado, nas relações sociais de trabalho, a produção e o capitalismo incham-se de tal forma que ocupam todo o espaço onde os seres humanos poderiam se desenvolver. Só há lugar para o lucro de alguns e a alienação de todos” (CAPRA, 1985, p. 256).

De maneira conceitual, é possível dizer que a partir das regras sociais que nos são impostas temos diferentes modelos de corpos. Os padrões

estéticos obrigam os indivíduos a manter um corpo magro e “malhado”, pois este é o estereótipo de beleza. A saúde estética desenvolve a cada dia novas técnicas de manter um corpo bonito e saudável, ou seja, à medida que se sofisticam os tratamentos corporais, reproduzem-se os interesses do sistema capitalista, que visa o lucro para alguns ao preço da alienação de muitos. É o corpo como mercadoria e ao mesmo tempo consumidor.

A situação social de classe em que vivemos interfere na nossa percepção de corpo:

“(...) à medida que se sobe na hierarquia social, que cresce o nível da instrução, e que decresce correlativamente e progressivamente o volume de trabalho manual em favor do trabalho intelectual, os sistemas de regras também se modificam” (BOLTANSKI, 1979, p. 168).

No Brasil, segundo Rose Marie Muraro, a visão de corpo das pessoas varia segundo o segmento social ao qual pertencem.

“Nesse sentido, poucas variáveis perpassam as classes sociais. Temas como o orgasmo, a virgindade, o adultério, a frigidez, a masturbação, o aborto, etc., não são tratados da mesma forma por todas as classes sociais; pelo contrário, cada estrato tem suas características, conforme o grau de exploração e opressão a que seus corpos estão sujeitos. Isto dá à questão da corporeidade uma dimensão e relevância ainda pouco exploradas quando se trata de entender a estrutura sócio-político-econômica brasileira” (MURARO, 1985, p. 15).

Enfim para o estabelecimento da paz, vivemos no mundo das estruturas sociais civis hierarquizadas, onde o pai deve ser “respeitado” por seus filhos do mesmo modo que um empregado deve obedecer seu patrão, um aluno seu

professor e, conseqüentemente, este último, ao sistema educacional estabelecido.

IMPOSIÇÕES SOCIAIS SOBRE A ESCOLA

As regras sociais, políticas e econômicas do capitalismo impõem um modelo ao produto institucional escola, estabelecendo como tarefa manter o controle social dos indivíduos através da obediência e ajustamento às regras.

As relações interpessoais ao longo da evolução cultural da sociedade, se concretizaram em um jogo de poder impulsionado pelo autoritarismo. Assim, o sistema de ensino brasileiro impõe ao professor um modelo de corpo autoritário, que valoriza e educa o corpo dócil das crianças, no sentido de manter explícitos e fixos os papéis sociais dos seres humanos na nossa sociedade brasileira. Na sala de aula tradicional, a autoridade do professor é fundamental ao funcionamento das atividades. Ela é imposta não somente através de palavras orais, mas através de todas as linguagens do corpo, como gestos, expressões e olhares utilizados na manutenção da vigilância corporal.

- Estátua! Você vai ficar cinco horas sentado, quieto, lendo e escrevendo o que eu mandar! Vamos, vamos! Não me fale que isto é difícil! Porque as crianças bem treinadas o fazem e sem reclamar!

Isto é uma ironia, mas o fato é que, ainda hoje, a criança considerada bom aluno em sala de aula é aquela que respeita o professor, manifestando-se somente quando solicitado. Falar quando a cabeça dá aquele “click”, nem pensar!

Lembre-se o que acontece quando:

- a professora está dando uma aula expositiva e toca a campainha do recreio ou da saída e várias crianças levantam-se rapidamente;
- durante uma prova a borracha de um aluno cai perto da carteira do outro;
- quando todos os alunos estão falando juntos e a professora quer explicar a matéria ou mesmo uma regra do jogo, no caso da educação física.

Eh! O corpo das crianças tem que estar muito bem condicionado para, ao ouvir o “sinal da liberdade”, não sair correndo, mas sim continuar esperando a maçante e desestimulante explicação terminar. Para pegar uma borracha com a cabeça virada para o lado oposto em que ela está, porque a professora pode pensar que ele vai olhar a avaliação do colega. E, ao ouvir a chamada (silêncio! apito) do professor, de modo reflexo olhar para ele com muita atenção.

A escola controla o corpo, buscando discipliná-lo e torná-lo eficiente. Assim, o espaço físico é ocupado e organizado de maneira a adestrar os gestos, regular os comportamentos e banalizar o prazer, mantendo a hierarquia entre indivíduos e a utilização específica de cada área escolar. Para que o conhecimento seja transmitido pelo “mestre”, as carteiras devem estar enfileiradas e dispostas de modo que cada criança aproprie-se do conhecimento de maneira individual, ou seja, a distância física entre as crianças não permite as discussões, as trocas de dúvidas e os comentários. E na hora da avaliação o lema é “que vença o melhor”, pois são os perfeitos reprodutores de conteúdos que irão receber a nota máxima como prêmio.

O espaço físico, dentro da sala de aula tradicional, reproduz a desigualdade e a segregação dos indivíduos. O professor, com intenções ditas pedagógicas, distribui os alunos nas fileiras dos “bons”, “médios” e “fracos”, e, a partir, daí faz as exigências dos conteúdos e atitudes. Aquela criança colocada na turma dos “fracos”, já na primeira série, dificilmente deixará de exercer este papel, e cada dia na escola somente servirá para afirmar o quanto ela é incapaz na escola e, conseqüentemente, na sua vida. Ou seja, a segregação dos indivíduos gera um estado de estagnação por parte dos alunos “fracos” e um estado de superação aos alunos “bons”. Já que aos “bons” o importante é estar sempre entre os melhores da turma, aos “ruins” pouco importa o resultado de suas ações, pois a classificação já lhes foi imposta e dificilmente será modificada, e aos “médios” fica o medo de a qualquer momento serem classificados como “fracos”.

O corpo mecânico e disciplinado tem os seus desejos manipulados e suas ações controladas para adquirir os conhecimentos, fragmentados, dosados e determinados pelos interesses dominantes. Ele é o escravo da mente, portanto, uma coisa inferior, com a qual o indivíduo é estimulado a reproduzir os padrões da sociedade. O corpo do aluno dividido em duas partes - corpo e mente - é estimulado a controlar os seus desejos, emoções e temores em prol de um corpo disciplinado e obediente, necessário para o aprendizado das regras sociais e conhecimentos que lhe são impostos pelo professor.

Essa divisão cartesiana do indivíduo em corpo e mente se faz presente também no estabelecimento do horário escolar. Existe a hora da mente, na sala de aula, e a hora do corpo, no recreio. O corpo é estimulado pelo seu intelecto a adquirir o conhecimento e reproduzi-lo durante a aula, e na hora do

recreio ele é liberto, podendo agir na sua totalidade, expandir e explodir as energias acumuladas.

Portanto, num sistema de ensino de sala de aula tão repressor, fica difícil que a aula de educação física retome a expressão cultural dos corpos. Porque, para as crianças, o ambiente fora de sala de aula é sinônimo de liberdade, ou seja, ao sair da sala de aula a criança quer brincar “do seu jeito” com os colegas, quer correr, enfim, quer quebrar a imposição social que lhe é aplicada em sala de aula. Isso dificulta o aprendizado das diversas formas de exploração da expressão do corpo, pois até que o professor comece a falar e seja escutado, a aula, que é de cinquenta minutos, já acabou. Assim, fica a questão: que corpo pode ser expresso nas aulas de educação física se a sala de aula é repressora?!

ROMPENDO COM AS IMPOSIÇÕES

É o momento de ver e ouvir o que os corpos dos alunos estão dizendo quando deitam a cabeça sobre a carteira, saem correndo para o recreio, quando falam junto com o professor ou deixam de escutá-lo. As crianças pedem um sentido para o trabalho escolar.

A escola tem que dar vida ao espaço da classe, ampliar muros, abrir janelas. Por isso Freinet pensa em um tipo de escola com determinada distribuição de técnicas que dão sentido às relações pessoais entre os indivíduos da classe, deixando claro que não é o professor o possuidor absoluto da ciência e do conhecimento. Os conhecimentos construídos e

assimilados pela turma pertencem a todos da classe porque nasceram deles próprios, e não têm como fonte o professor, e sim a vida.

Freinet escreve em seu invariante nº1

“A criança é da mesma natureza que o adulto.

Ela é como uma árvore que ainda não terminou seu crescimento, mas que se alimenta, cresce e se defende exatamente como a árvore adulta.

A criança se alimenta, sente, sofre, procura e se defende exatamente como você, apenas com ritmos diferentes que provêm de sua fraqueza orgânica, de sua ignorância, de sua inexperiência, e também de seu potencial de vida incomensurável, que, entre os adultos, está muitas vezes perigosamente afetado.

A criança age e reage, conseqüentemente vive, exatamente segundo os mesmos princípios que você. Não existe, entre você e ela, uma diferença de natureza, mas apenas de grau” (FREINET. Os Invariantes Pedagógicos).

À pedagogia Freinet importa que a criança se expresse e se comunique de maneira global. Para a criança, se desenvolver ela tem que experimentar e ser a criança que é. Sendo o desenvolvimento da capacidade de expressão do ser humano o ponto central e fundamental da pedagogia Freinet, não há dicotomia entre corpo e mente. Isto é, as crianças aprendem que, corpo e mente, são uma coisa só, pois o trabalho pedagógico necessita de sua sinceridade, vontade e autenticidade expressiva em cada gesto e fala, coletiva e individual.

No Invariante pedagógico de nº3 Freinet diz

“O comportamento escolar de uma criança é função de seu estado fisiológico, orgânico e constitucional.

Tem-se a tendência a considerar, sem humanidade, que a criança que trabalha mal ou se comporta de modo repreensível o faz intencionalmente e por malignidade.

Certamente esses hábitos às vezes são adquiridos e suportamos suas conseqüências, o que não quer dizer que a criança é totalmente responsável pelas taras que se manifestam nelas.

Não esqueça que você também trabalha com deficiência quando está com dor de cabeça, de dentes, ou tem má digestão ou fome. Você fica nervoso mais facilmente quando fracassou em um trabalho, brigou com um adversário mais forte ou não conseguiu realizar um projeto de grande interesse.

As crianças são simplesmente como você. Diante das deficiências de comportamento que você constata, tente se perguntar se não existem causas de saúde, de equilíbrio, de dificuldades do meio ambiente que precisariam ser revistas primeiro.

Você tentará corrigi-las. Se não puder agirá pelo menos com muito mais razão e humanidade e assim melhorará também o clima de sua classe” (FREINET. Os Invariantes Pedagógicos).

Através das diferentes técnicas pedagógicas, na classe Freinet é permitido que os indivíduos comuniquem-se entre si de corpo inteiro. Nessa comunicação, além do conteúdo da fala da criança, procura-se compreender o tom de voz e os gestos expressados durante a frase. Ou seja, triste, feliz, com raiva, interessado ou ressentido, o corpo se expressa e é compreendido.

Na pedagogia Freinet, são as atividades que têm lugar fixo, e não as crianças. A disposição das carteiras varia de acordo com as atividades. O meio ambiente é rico de estímulos e necessita da movimentação dos corpos, que atuam na busca de materiais para a construção do seu conhecimento. Ou seja, o professor age como mediador e problematizador não de um conhecimento

estático, mas sim dinâmico, como os próprios seres humanos. As situações-problemas não são somente mentais, mas sim materiais e vividas. O indivíduo tem que agir e se movimentar, literalmente, em busca de respostas, e até pode se sentar em fileira do “jeito tradicional”, quando necessário, porque o espaço físico é que está à sua disposição, e não o contrário.



Alunos trabalhando no ateliê de costura.

A pedagogia Freinet dá a palavra aos corpos-crianças através da vivência em uma escola crítica, científica, criativa e, portanto, investigadora, provocando nas aulas processos de indagação dos próprios alunos.

A escola tem o sentido de romper com as desigualdades sociais através da formação integral das pessoas, ela está plantada num sentido comum de trabalho e todos os momentos passados nela servem para a criança construir-se como ser humano, de acordo com o seu ritmo e seus sonhos.



Mães enfeitando os tapetes para a biblioteca de classe. Ao fundo os ateliês.

O trabalho, princípio motor da pedagogia Freinet, serve para organizar cooperativamente a classe e é também a resposta a uma necessidade natural do indivíduo de se expressar em busca do conhecimento, isto é, a criança age para conhecer.

Problemas de ordem e disciplina não são tratados de maneira formal e superficial por um sistema de leis mantido através de uma “camisa de força” colocada na turma pelo professor. A preocupação com a disciplina está ligada à melhoria da organização do trabalho de modo a atender os interesses dinâmicos e ativos dos alunos.

As técnicas na sala de aula

A sala de aula Freinet é um lugar onde se trabalha com gosto, com alegria, onde a criatividade e a expressão dos corpos é um elemento necessário. Basicamente, a estrutura da aula corresponde ao esquema:

1.O *conselho de classe* é o marco das relações na turma. Respondendo a um critério antiautoritário: o funcionamento da sala é administrado por todo o coletivo. O papel do professor se legitima com as decisões que são compartilhadas pelo grupo.

2.O *Livro da vida* registra todas as experiências importantes vividas na turma e as decisões e projetos tirados em *Conselho de Classe*.

3.Os *Planos de trabalho* são como a coluna vertebral do trabalho escolar. Ou seja, a partir das relações democráticas, é necessário concretizar as propostas surgidas, administrar os recursos e, então, desenvolver os projetos. Através dos *planos* a turma sabe que tarefa realizar e em quanto tempo. Os *planos de trabalho* também são feitos individualmente e trazem responsabilidade ao aluno na medida em que este elege as tarefas que quer realizar. Ao finalizar o *plano de trabalho* (semanal ou quinzenal) cada criança apresenta à turma suas produções, estas são, portanto, valorizadas coletivamente.

4. *Álbuns, livros, teatro, textos, jornais* são o resultado das atividades criativas e investigadoras da turma, que deve ser exposto aos outros colegas da escola e aos correspondentes.

5. *Fichários* são um conjunto de fichas que estão à disposição das crianças na sala e propõem trabalhos individuais ou em pequenos grupos. Cada fichário possui um objetivo específico, por exemplo, “Construção de objetos e jogos com sucata”, “Leitura” e “Incentivo à pesquisa matemática”.

6. A *Biblioteca de Classe* é fundamental, pois supre a necessidade de investigação de cada criança, de acordo com suas dúvidas. Ela permite que a criança se movimente em busca de respostas, pois não há um livro com o conteúdo preparado para o que ela procura, mais sim uma variedade que pode ou não conter o assunto que ela procura.

7. A *Correspondência* não é considerada apenas como uma troca regular de cartas ou desenhos, ela supre o desejo que a criança tem de se comunicar com os outros. Cada criança escolhe seus correspondentes e estabelece a troca de cartas. O contato com outro modo de vida aumenta o universo e valoriza o próprio ambiente da criança. As cartas são recheadas de afetividade. “É um passo a mais em direção à compreensão, à cooperação, à fraternidade, à amizade e ao amor.” (Dossiê Pedagógico. p. 19)

8. O texto livre é um meio de a criança se exprimir e se comunicar.

“É uma técnica de vida. É um texto escrito quando a criança deseja, e sobre qualquer base (papelão, papel, lousa, chão, etc.). É a oportunidade para uma discussão, um debate, um diálogo: atividades que visam ajudar a criança a precisar e a dominar seu pensamento, levando em conta as exigências do código escrito. É a expressão escolhida pela criança para comunicar seu pensamento, que prevalece mesmo que não corresponda aos critérios estéticos e morais do adulto. Ele está ligado à globalidade da expressão da criança, e a participação do professor é primordial e auxilia a criação de um clima de confiança das relações necessárias para o desabrochar dos indivíduos. (Dossiê Pedagógico. p. 16).

Na hora da escolha do texto livre as crianças podem sentar-se no chão e em roda para se olhar, se comunicar e realmente se expressar, e o professor faz com que se crie um clima de confiança e segurança para que cada criança se exprima no grupo, deixando de lado seus medos ou pudores, para que ela não tenha medo de errar ou de falar o que pensa.

O recreio

Deve ser um espaço de criação e não de libertação.

O pátio é o local onde todas as crianças podem se encontrar sem a mediação constante do adulto.

“O embrião da sociedade que elas já formam gera suas leis próprias, sua cultura própria, através dos jogos, das cantigas, das trocas, da própria linguagem, e isso é também uma aprendizagem importante da vida” (BRU et al, 1984, p. 8).

Os grupos de crianças se formam e se desfazem. As regras de convívio social são estabelecidas entre os grupos e fazem com que cada indivíduo

participe da formação e vivência de valores dos colegas. Nasce as amizades extra sala de aula e aquele que quer ficar sozinho também é respeitado.

O pátio não pode ficar vazio, “sem ter o que fazer”, pois gera tédio e comportamentos agressivos em seus jogos e atividades. Ele não deve ser o local onde a energia é libertada, depois de algumas horas presa na sala de aula.

“Assim ele deve permitir uma escolha real de ações, isto é, oferecer à criança estruturas e materiais ricos de potencialidade, mas sobre os quais ela terá domínio e usará à sua vontade”. (Idem, p. 9).



Alunos realizam gincana durante o recreio.

“Pátio aventura: terreno natural, cantos onde se pode sonhar, fazer ‘seu próprio cinema’

Pátio criação: cujas estruturas, o terreno, os materiais, a decoração podem ser modelados, onde se pode inventar, trabalha-se.

Pátio descanso: oferece cantos de calma, de repouso, de silêncio.

Pátio desrecalque: oferece espaços de corrida, de jogos coletivos ou individuais com dominância esportiva.

Pátio confronto... com outros (corridas, jogos), consigo mesmo (trepar equilíbrio), aprendizagem do mundo... físico, animal, vegetal.

Pátio propriedade: pode-se participar do estabelecimento das regras que o regem, porque se pode agir sobre seu equipamento, sobre a utilização possível de alguns de seus elementos: muros, bancos, etc.

Pátio socialização: discussões, jogos calmos, jogos esportivos” (Idem, p. 10).

A arrumação do pátio favorece a construção de regras sociais de vida aos alunos. Ele pode ser um local de vida cooperativa onde se aprende a democracia na vivência de valores.

O pátio, enquanto área organizada, tem sua dimensão educativa através das relações entre adultos e crianças. Os adultos não estão lá para vigiar o recreio, mas sim para integrar as crianças na vida cooperativa da escola, desenvolvendo sua consciência individual e coletiva.

“O adulto impõe certas regras elementares cuja importância as crianças não tiverem descoberto por elas mesmas. Ele as traz à realidade todas as vezes que for necessário. Ele canaliza o grande grupo a fim de evitar as grandes concentrações e encontros. Ele cuida para prevenir os acidentes graves evitando que uma brincadeira degenera. Ele está presente ativamente, participando de um jogo, de uma discussão, ou ainda ajudando uma criança ou ouvindo-a” (Idem, p. 39) .

“As crianças tomarão parte da elaboração e da adaptação das regras de vida do pátio. Com isso elas serão naturalmente seus responsáveis. Acontecerá, é claro, que individualmente ou em pequenos grupos elas transgridam as regras. Em que sociedade isso não acontece? Mas é sua coletividade que lembrará a lei, resolverá os conflitos. Elas farão assim a aprendizagem da cidadania.” (Idem, p. 38).

Portanto, em um recreio organizado, são permitidos e valorizados, a aprendizagem, as descobertas, e as necessidades do corpo que não são programáveis. Dessa maneira as atividades vividas no pátio podem trazer aos professores e alunos elementos de trabalho. O mesmo corpo-criança vai da sala ao pátio, isto é, não há diferenças brutais entre o comportamento das crianças na sala de aula e no pátio, mas sim possibilidades de vivências distintas já que se muda de equipamento e de ambiente físico.

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREINET À EDUCAÇÃO FÍSICA

Inserida num sistema econômico baseado na exploração e na dominação dos indivíduos, geralmente a educação física é usada politicamente a serviço dos anseios da classe dominante, como um poderoso instrumento ideológico-manipulador, que faz com que os indivíduos continuem alienados e impotentes diante da necessidade de transformações sociais. Assim, ela privilegia em suas aulas atividades esportivas essencialmente baseadas em jogos de competição, e a atitude pedagógica do professor é autoritária e paternalista.

O esporte espetáculo, que é reproduzido nas aulas de educação física, fornece às crianças modelos e estereótipos de atitudes corporais, que não lhes permitem explorar as inúmeras possibilidades individuais e coletivas de criar, exprimir-se e comunicar-se através do seu corpo. Portanto, se o professor realiza sua prática pedagógica somente baseado nos esportes competitivos, faz com que os indivíduos não se formem de modo global, mas sim fragmentado, e as vivências mal-sucedidas pelos alunos geram uma falta de motivação em relação ao aprendizado de qualquer atividade escolar, tanto nas aulas de educação física, como nas outras aulas. Ou seja, a criança se sente inferior aos colegas e o professor reproduz a desigualdade.

Jacques Rouyer diz que é possível

“(...) medirmos melhor a importância de uma nova concepção da Educação Física, quando adquirimos, pelo estudo histórico, a convicção de que se trata de

ultrapassar o sistema de Classe de Educação, que contém a marca da separação do trabalho intelectual e manual na vida social (...)” (ROUYER, 1977,p. 193).

Assim, é preciso que o modelo educativo baseado na cooperação se estenda e seja comum a todas as atividades desenvolvidas na escola e em todos os espaços físicos. Isto é, não pode haver uma dicotomia e um valor para o corpo em cada um dos momentos do dia passado na escola, pois ele não é prisioneiro dela e deve participar livremente de todas as atividades.

“O caráter social de toda a Educação não deve ser esquecido, da mesma forma que o caráter de totalidade da atividade humana. O primeiro princípio científico da teoria da Educação Física é realmente fundamentar os seus fins e os seus meios na prática social em desenvolvimento. É pela aprendizagem das diversas formas de trabalho manual que o Homem poderá adquirir uma grande habilidade, uma verdadeira cultura politécnica. É na prática e no decurso da assimilação das atividades de desenvolvimento do ócio atual, desporto, dança, etc., que ele enriquecerá igualmente as suas aptidões motrizes” (Idem, pp. 193-194).

O professor de educação física deve privilegiar em suas aulas, manifestações corporais que levem ao respeito entre as crianças, deixando de lado as atividades de caráter competitivo.

“É assim que o Ser Humano humaniza-se, que a inteligência, ao mesmo tempo prática e conceitual, se desenvolve, formando-se uma pessoa social que pode agir eficazmente na vida (...)” (Idem, p. 194).

As crianças têm uma capacidade inata de se expressar corporalmente. Portanto, cabe ao professor ajudá-las a conservar e desenvolver essa capacidade, empenhando-se em multiplicar nas crianças as experiências

possíveis e informá-las ao máximo sobre todas as atividades físicas e culturalmente definidas.

Cabe ao profissional refletir e analisar os conhecimentos de maneira autônoma, para assim socializá-lo aos seus alunos, fazendo com que estes não fiquem apenas com uma modalidade esportiva, mas dando-lhes a oportunidade de vivenciar diferentes atividades corporais.

Cada grupo ou espaço social possui suas normas e regras de convívio, assim, a vivência dos valores humanos está presente na ação pedagógica. O professor recupera as experiências vividas e trazidas pelas crianças e as amplia, formalizando o aprendizado. O FAZER (técnicas e habilidades) se perde. O espaço de convívio VIVIDO, CRIADO e ATUADO não se esquece.

Se o conhecimento e o domínio corporal do aluno é valorizado e organizado, novos significados ao conteúdo são adquiridos a partir de suas vivências e sentimentos. Ser significativo dentro do grupo social classe é importante para o indivíduo. Assim, as atividades corporais podem ser criadas e elaboradas para serem apresentadas ao grupo de convívio. Se o “público” gosta, então “é legal”. E a cada aula a criança pode “treinar a sua cultura corporal”. Cabe ao professor apresentar as possibilidades de reflexão e análise desses “treinos” à criança, que filtra e decide o que é bom e faz bem a ela para então compartilhar com os colegas.

A educação física deve oferecer os meios para um melhor crescimento, desenvolvimento e amadurecimento do ser humano. Sua prática deve proporcionar à criança um verdadeiro prazer pelo descobrimento de seu corpo em movimento e a segurança em seu domínio, ou seja, o professor deve ajudar a criança a assumir a sua própria evolução e a aceder à autonomia.

A energia liberada nos movimentos deve ser orientada no sentido de favorecer a expressão do ser humano através da união de diversos elementos inerentes a ele. Freinet, no Invariante Pedagógico 21, diz:

“A criança não gosta do trabalho de rebanho ao qual o indivíduo tem que se sujeitar. Gosta do trabalho individual ou do trabalho de equipe no meio de uma comunidade cooperativa.

É a condenação definitiva das práticas escolásticas nas quais as crianças fazem, em todos os momentos, exatamente a mesma coisa. É inútil classificar os alunos por turmas ou por cursos, eles nunca têm as mesmas necessidades, nem as mesmas aptidões, e é profundamente irracional pretender fazê-los avançar no mesmo passo. Alguns se enervam porque marcam passo e gostariam e poderiam ir mais rápido. Outros se desencorajam porque não conseguem ir sozinhos. Uma pequena minoria aproveita o trabalho organizado desta maneira.

Procuramos e encontramos a possibilidade de permitir que as crianças trabalhem em seu ritmo no meio de uma comunidade viva.

As noções de trabalho de equipe e de trabalho cooperativo devem ser reconsideradas. Trabalhar em equipe ou em cooperativa não significa forçosamente que cada membro faz o mesmo trabalho. O indivíduo deve, ao contrário, conservar ao máximo sua personalidade, mas a serviço de uma comunidade.

Essa nova forma de trabalho é, do ponto de vista pedagógico e humano, da maior importância” (FREINET, Os Invariantes Pedagógicos).

Em relação aos seus colegas e seu ambiente, a criança, enquanto ser social, constrói a sua própria atividade corporal. Assim, a educação física deve fazer com que o aluno desenvolva a sua capacidade física, de acordo com o seu ritmo próprio e sua maneira de ser, sem se prender aos modelos de corpos propostos pela sociedade dominante, e estimule nos alunos o desejo de descobrir, conhecer e utilizar cada vez melhor suas aptidões na disciplina e

aplicá-las, conseqüentemente, em sua vida diária, expressando seus sentimentos também através do seu corpo.



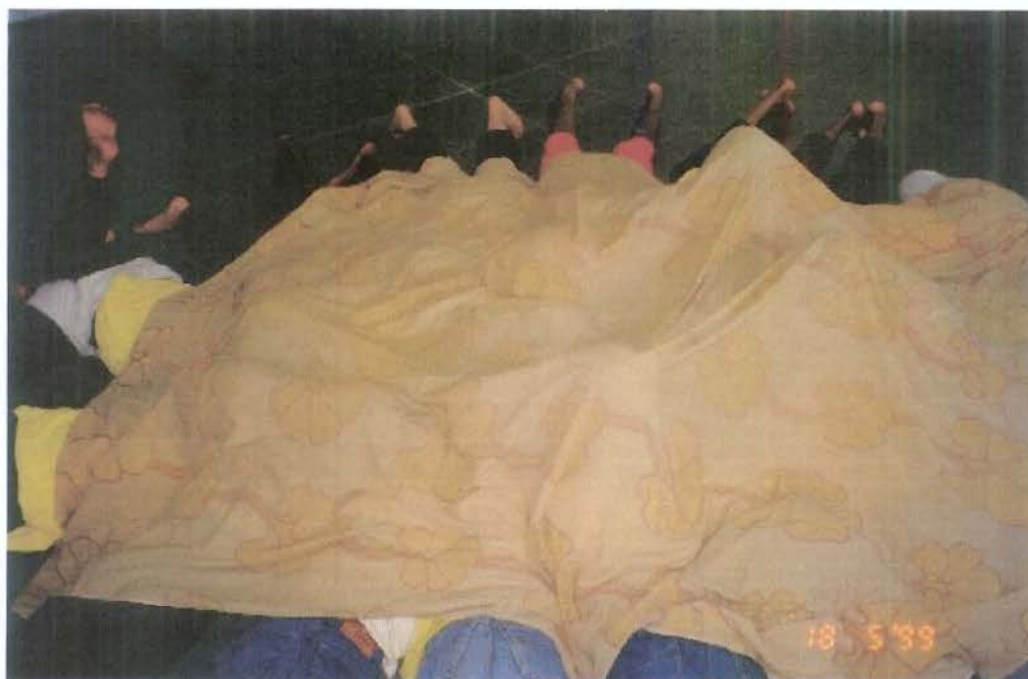
Crianças dançando forró na “festa dos aniversariantes do mês”.

Freinet, na década de 30, falava da Educação Física enquanto Educação Corporal. Analisando o item “Educação Corporal”, publicado no Dossiê Pedagógico, vemos que, em oposição à dualidade corpo-espírito e corpo-intelecto, a pedagogia Freinet reconhece o indivíduo na sua globalidade, procurando desenvolver todas as potencialidades que estão no plano corporal. Ou seja, segundo essa pedagogia, não é desejável a especialização precoce dos indivíduos em certas modalidades esportivas.

As aulas de Educação Corporal devem fazer com que os alunos sintam prazer e expressem-no quando quiserem. Não cabe ao professor fazer com que as aulas sejam locais de extremo esforço físico dos alunos, pois isso deixa o medo presente em seus corpos a cada gesto executado e,

conseqüentemente, promove a negação da expressão corporal espontânea. Assim, a aula deve possibilitar às crianças o direito de serem diferentes, de errarem e de se expressarem da maneira que quiserem, de acordo com os seus sentimentos. Não havendo, portanto, a padronização de gestos através de critérios estéticos e técnicos impostos pelo professor.

Na Educação Corporal, o espírito competitivo apresentado e firmado no esporte-espetáculo é deixado de lado, para que se possa continuar exercendo a prática cooperativa na escola como um todo. As atividades permitem a socialização entre os seres humanos e, ao mesmo tempo, a conquista da autonomia de cada um. A utilização e a organização do meio e dos materiais é feita pelo grupo, o que diversifica as experiências corporais de um grupo para outro e, individualmente, traz novas vivências e pensamentos sobre a expressão corporal. Além disso, esta não se limita às aulas específicas de Educação Corporal, mas está presente em todos os momentos de sala de aula e recreio, em cada processo de conhecer e pesquisar das crianças.



Dinâmica de grupo em que as mães tinham que reconhecer seus filhos pelos pés.

A Educação Corporal é um “instrumento suplementar de análise do real” (Idem, p. 27). Através das vivências corporais é possível aprimorar as sensações e as percepções verbalizando-as e refletindo sobre elas. Os questionamentos dos tabus são permitidos. A fala dos alunos sobre as condições de si próprio, sobre suas sensações e opiniões, permite à Educação Corporal ampliar seu espírito crítico, também sobre a cultura esportiva que é imposta pela mídia.

Promovendo a autonomia corporal dos indivíduos, através das atividades da Educação Corporal, baseadas nos critérios da pedagogia Freinet, podem ser elaborados fichários de atividades, como os que existem nas salas de aula. Ou seja, os professores podem trocar experiências dos momentos de encontro com crianças e com outros professores e elaborar fichas de trabalho, como resultado de sua pesquisa-ação-cooperativa. A Coopérative de l'enseignement Laic publicou em 1980 um Fichário chamado “Education Corporelle-1” contendo 48 fichas.

Segundo o texto de apresentação do Fichário, as fichas:

- “podem ajudar o professor a iniciar com seus alunos atividades corporais, arrumações no pátio;
- podem incitar as crianças a trabalharem em grupo ou sozinhas sobre situações particulares;
- permitem o trabalho em ateliês diversificados;
- podem incitar o professor a estender o campo de atividades corporais dos seus alunos;
- podem incitar as crianças a criar outras fichas, se elas descobrirem situações novas.”

Ou seja, a partir de cada ficha a criança pode imaginar e executar novas formas de trabalho, e ampliar as possibilidades de cada uma, fazendo com que o trabalho seja infinito.

O Fichário propõem atividades em vários domínios da Educação Corporal: expressão corporal, jogos de bola, jogos tradicionais e etc.

Abaixo está a cópia de uma das fichas.

“NA FRENTE DA FICHA:

- uma foto (ou fotos) representando uma criança ou um grupo de crianças que experimentam, manipulam, brincam. Quando não for possível conseguir uma foto bastante estimuladora (apelo ao imaginário), um bom desenho de crianças desencadeia uma motivação. Em algumas fichas, a riqueza de utilização de um material aparece na montagem de fotos muito variadas, mas nunca limitadora para a pesquisa da criança.
- Um texto bem curto, em letras grandes, informa: quantas crianças são necessárias para fazer a pesquisa, onde é melhor se reunir (qualidade do terreno) e o material necessário (às vezes é necessário fazer um esquema da construção).
- Do lado, as palavras-chave permitem ao professor se orientar facilmente no fichário. Nessas palavras-chave há:
 - O domínio geral (sempre, no caso dessas fichas, de Educação Corporal);
 - O domínio mais particular (expressão corporal, o corpo, materiais e arrumação dos espaços escolares, jogos de bola, jogos tradicionais);
 - O domínio de pesquisa mais evidente (que repete muitas vezes o título da ficha: as sombras, o alfabeto).

FICHIER DE TRAVAIL COOPERATIF Pédagogie FREINET		Classement personnel	
LES STATUES			
— Demande à un ou deux camarades de venir avec toi. Trouvez un peu de place. — TU ES LE SCULPTEUR. — Tu sculptes une statue en te servant de ton (tes) camarade (s). — Tu places toi-même : - son corps - ses membres - sa tête - son visage - sa bouche - ses yeux, etc.		EDUCATION CORPORELLE - EXPRESSION CORPORELLE - STATUES	
<i>Un mille-pattes</i> 		EC 1	
Références personnelles : _____ Autres fiches traitant de sujets approchés : _____		501	

NO VERSO DA FICHA:

Duas partes principais:

1. Uma lista de experiências, de pesquisas, de resultado de pesquisas:

- esquemas de pesquisas,
- pista de pesquisas claramente diferentes,
- conselhos quanto à segurança para ir mais longe sem riscos.

É claro que essas listas não são limitativas. Permitem tornar a propor uma atividade para estimular as crianças a irem mais longe ou em outra direção. O professor pode completar a ficha nela escrevendo as descobertas originais da criança ou do grupo”.

2. Uma parte enquadrada inteiramente reservada ao professor:

O permite tomar consciência de todos os domínios nos quais a criança tateia e que não são, forçosamente, apenas o da motricidade, mas também os da estética, da expressão e da socialização.

O Professor sente-se seguro e sua ação pedagógica está justificada” (GOUREAUD, 1980).

- Vous pouvez être beaucoup.
- Chaque camarade peut être une chose ou une personne et tu obtiens un groupe de statues.
- Tu peux aussi sculpter une chose, un animal ou un personnage en façonnant un groupe de camarades. Par exemple avec sept ou huit camarades tu peux fabriquer :
 - une auto
 - un cheval
 - un parapluie, etc.

Notes pour le maître

- Jeu facile : l'observateur-sculpteur intervient seul en correcteur ;
- Maîtrise des appuis ;
- Appel à la créativité ;
- Communication interne au groupe qui travaille : articulations et visages traduisent l'expression externe ; rôle important du sculpteur qui fait passer la communication ;
- Éveil esthétique, beau geste, visage expressif.

É grande a contribuição da pedagogia Freinet para a questão corporal, pois ela dá respostas práticas e válidas aos múltiplos problemas que surgem na atividade cotidiana do professor, está carregada de estratégias, de técnicas e de recursos que mostram como as pessoas podem ser educadas

corporalmente, a partir do movimento que se expressa nos atos de sonhar, brincar, imaginar, fazer projetos e criar mundos melhores.

Na pedagogia Freinet, a criança não vai à escola para inflar o seu intelecto com as matérias, vai para aprender a ser sensível ao que vê, ouve, cheira, toca e saboreia, e ainda, para se manifestar, para se expressar pelas mãos, pelas pernas, pelo olhar, pela fala, pelo desenho, pela escrita, pelos gestos. Ou seja, cada momento passado na escola exige e promove a existência dos corpos livres em movimento, que vivem a vida em sua plenitude, pois exercem todas as suas habilidades e capacidades físicas de seres humanos em todo os momentos da vida, criando também as suas sensações internas e opiniões sobre o mundo vivido em liberdade.



Alunos da “Turma do Barulho”.

A pedagogia Freinet não desconecta o mundo de dentro da escola e o de fora, ela existe num contexto de mundo real, no qual a criança adquire

consciência de seu próprio corpo, formula e estabelece regras de convívio social, relaciona-se com diferentes objetos, elementos e fenômenos da natureza. E, ainda, enriquece suas habilidades de correr, saltar, girar, rolar, arremessar, pegar, bater... para jogar, dançar, encenar, lutar, fazer ginástica, enfim, ampliar socialmente o conhecimento que já traz consigo. As pequenas brincadeiras viram jogos sistematizados; passos, gestos e histórias viram dança, teatro. É o aprendizado contínuo da livre expressão corporal num mundo real.

Portanto, as idéias de Freinet são, ainda hoje, muito importantes para a educação, pois possibilitam aos alunos o sucesso em suas experiências de vida e permitem que, a cada dia vivido na escola, venha a vontade de voltar no dia seguinte e continuar o trabalho...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLTANSKI, Luc. (1979) *As classes sociais e o corpo*. Trad. Regina A. Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal

BRU, Monique, COHEN, Claude, CHAMPAGNE, Guy, GAC, Yvon, MORIN & REY, Jacques. (1984). *Pourquoi? Comment? Alménager les cours d'écoles. Coleção Les pourquoi-comment de l'école moderne pédagogie Freinet*. CEL. França, 1984. (trad. Solicitada a Ruth Joffily)

CABRAL, Silvana. (1993) *Da educação física tradicional á educação corporal na pedagogia Freinet*. Monografia (Especialização em Educação Motora) Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas

CAPRA, Fritjof. (1985) *Ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix

CASTELLANI FILHO, Lino. (1994) *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 4ª edição. Campinas: Papirus

Dossiê Pedagógico. In: *Revista L' Educateur*, Trad. (mimeo) de Ruth Joffily ICEM. França, setembro, 1979.

FOUCAULT, Michel. (1984) *Microfísica da poder*. Trad. e org. Roberto Machado 4ª edição brasileira. Rio de Janeiro: Edições Graal

FREINET, Célestin. (1976) *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*. Lisboa: Editorial Estampa LTDA

FREINET, Célestin. Os invariantes pedagógicos. In: *Pour l'école du peuple*, Trad. (mimeo) de Ruth Joffily, François Maspero, Paris.

FREIRE, Paulo. (1981) *Pedagogia do oprimido*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra

GAIARSA, José A. (1986) *O que é corpo*. 2ª Edição. São Paulo: Brasiliense

GALLARDO, Jorge Sérgio Perez (org). (1997) *Educação física contribuições à formação profissional*. 1ª edição. Ijuí: UNIJUÍ

GALLARDO, Jorge S. P., OLIVEIRA, Amauri & ARAVENA, César. (1998) *Didática da educação física: a criança em movimento: jogo, prazer e transformação*. São Paulo: FTD

Les edition de l'école moderne française. (1980). *Education corporelle – 1*, Trad. (mimeo) de Ruth Joffily, ICEM/CEL, França

MEDINA, João Paulo S. (1987) *O brasileiro e o seu corpo: educação e política do corpo*. Campinas: Papirus

MURARO, Rose Marie (org). (1985) *Sexualidade, libertação e fé*. Petrópolis: Vozes

OLIVEIRA, Anne Marie M. (1995) *Célestin Freinet: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica*. Rio de Janeiro: Papéis e cópias de Botafogo em co-edição com a Escola de Professores

ROUYER, Jacques. (1977) Pesquisas sobre o significado humano do desporto e dos tempos livres e problemas da história da educação física. In: *Desporto e desenvolvimento humano*. Lisboa: Seara Nova, pp.193 – 195

SÉRGIO, Manuel. (1983) *Filosofia das atividades corporais*. Lisboa: Editorial Compendium

SÉRGIO, Manuel. (1995) *Motricidade humana: um paradigma emergente*. 1ª edição. Blumenau: FURB

STOKE, Patricia. (1972) *La expression corporal y el niño*. Buenos Aires: Ricordi Americana